

# Giralda Seyferth muito além da imigração

Miriam Santos de Oliveira e Patrícia Reinheimer

Organizadoras

**ABA** PUBLICAÇÕES

**OKOS**  
EDITORA

Giralda Seyfert:  
Muito além da Migração



### Conselho Editorial

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)  
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)  
Danilo Streck (Unisinos)  
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ  
e GPEAD/FURB)  
Eunice S. Nodari (UFSC)  
Haroldo Reimer (UEG)  
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)  
João Biehl (Princeton University)  
Luís H. Dreher (UFJF)  
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)  
Marluza M. Harres (Unisinos)  
Martin N. Dreher (IHSL)  
Oneide Bobsin (Faculdades EST)  
Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)  
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)  
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568.2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br



### Diretoria da ABA – Gestão 2019/2020

Presidente: Maria Filomena Gregori (UNICAMP)  
Vice-Presidente: Sérgio Luís Carrara (UERJ)  
Secretária Geral: Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ)  
Secretário Adjunto: Luiz Eduardo de Lacerda Abreu (UnB)  
Tesoureiro: João Miguel Manzolillo Sautchuk (UnB)  
Tesoureira Adjunta: Izabela Maria Tamaso (UFG)  
Diretora: Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN)  
Diretora: Manuela Souza Siqueira Cordeiro (UFRR)  
Diretora: Patrice Schuch (UFRGS)  
Diretora: Patricia Silva Osorio (UFMT)

### Comissão de Projeto Editorial

Coordenador: Laura Moutinho (USP)  
Vice Coordenador: Igor José de Renó Machado (UFSCar)  
Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE)

### Conselho Científico:

Eunice Ribeiro Durham (USP)  
Manuela Carneiro da Cunha (University of Chicago)  
Antônio Augusto Arantes (UNICAMP)  
Roque de Barros Laraia (UnB)  
João Pacheco de Oliveira (MN/UFRJ)  
Ruben George Oliven (UFRGS)  
Gustavo Lins Ribeiro (UnB)  
Miriam Pillar Grossi (UFSC)  
Luís Roberto Cardoso de Oliveira (UnB)  
Carlos Alberto Caroso Soares (UFBA)  
Bela Feldman-Bianco (Unicamp)  
Carmen Sílvia Rial (UFSC)  
Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)  
Lia Zanotta Machado (UnB)  
Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)  
Claudia Lee Williams Fonseca (UFRGS)  
Fabiano de Souza Gontijo (UFPA)  
Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ)  
Sonia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos (UFPA)  
Patricia Birman (UERJ)  
Denise Fagundes Jardim (UFRGS)  
Camilo Albuquerque de Braz (UFG)  
Raymundo Heraldio Maués (UFPA)  
Silvana de Souza Nascimento (USP)

# Giralda Seyfert: Muito além da Migração

ORGS. MIRIAM DE OLIVEIRA SANTOS E PATRÍCIA REINHEIMER

E-Book

**ABA** PUBLICAÇÕES



São Leopoldo  
2019

© Dos autores – 2019

Editoração: Oikos

Capa: Patricia Reinheimer

Revisão: Carlos A. Dreher

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Giralda Seyferth : muito além da imigração [livro eletrônico] /  
Giralda Seyferth ; organização de Mirian de Oliveira Santos e Patrícia  
Reinheimer. -- Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia;  
Oikos, 2019

112 p., il., color.

Bibliografia

ISBN 978-85-7843-895-1

1. Seyferth, Giralda, 1943-2017 2. Historiadora - Biografia 2. Emigração  
e imigração 3. Etnoarqueologia 4. Minorias I. Santos, Mirian de Oliveira  
II. Reinheimer, Patrícia

19-1630

CDD 325.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Imigração - Artigos

# Sumário

- 7 ***Giralda Seyferth***, registros de uma trajetória  
Apresentação  
***Antonio Carlos de Souza Lima***
- 13 Introdução
- 15 Antropóloga e historiadora: Giralda Seyferth e os estudos migratórios  
***Regina Weber***
- 33 Antropologia e história: uma interface entre múltiplas nações e identidades  
***Joana Bahia***
- 54 Empiricismo Idealista e Construções de Povos: Giralda Seyferth como Intelectual  
***Thaddeus G. Blanchette***
- 64 Muito além da Imigração: Campesinato e Etnicidade na obra de Giralda Seyferth  
***Miriam Santos***
- 73 “O colono compra a ferradura pagando com o cavalo” – A liberdade como valor e representação e a autoexploração como prática: uma leitura da obra de Giralda Seyferth sobre os campesinatos do sul do Brasil  
***Maria Catarina C. Zanini***
- 90 Imagens de uma trajetória intelectual  
***Patricia Reinheimer***
- 94 Giralda Seyferth – 1943 a 2017: Nota Biográfica
- 96 Giralda Seyferth – 1943 a 2017: Bibliografia
- 107 Sobre as autoras e o autor



## Antropóloga e historiadora: Giralda Seyferth e os estudos migratórios

*Regina Weber*

### REDES E INFLUÊNCIAS

Início minha abordagem sobre a importância de Giralda Seyferth para o campo dos estudos migratórios, a partir de sua influência em minhas pesquisas antes mesmo de ela ser minha orientadora, fazendo assim um pequeno relato de como se processam redes intelectuais.

No início do meu mestrado, realizado em História na UNICAMP, em meados dos anos 1980, estive em Porto Alegre em busca de fontes de pesquisa e conversei com o professor Odacir Coradini, que eu conhecera em Ijuí, uma cidade



do interior do Rio Grande do Sul que era o lócus de minha pesquisa, e onde nós dois fomos professores na Universidade local, a FIDENE, atual UNIJUÍ. Odacir, naquele momento, estava realizando doutorado no Museu Nacional sob orientação de Moacir Palmeira. Minha pesquisa era sobre o universo fabril de Ijuí, e eu me deparava com a questão étnica, isto é, com o fato de haver clivagens étnicas internas às fábricas, reverberando o que acontecia na cidade como um todo. Coradini então me falou nos trabalhos da Giralda, e eu passei a adquirir alguns textos dela.

Defendi meu mestrado em História em 1989, e meu orientador na Unicamp, Michael Hall, me sugeriu o Museu Nacional como instituição para



continuar minhas pesquisas em nível de doutorado. Michael é bastante conhecido por sua tese *Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*, apresentada em 1969 na Universidade de Columbia, e por atuação no campo da história do trabalho. E foi esta

vinculação a *labor history* que o aproximou da antropologia do trabalho do Museu Nacional, cujo principal elo com os historiadores, na época, era José Sérgio Leite Lopes. Assim, seja pela vertente da etnicidade, seja pelos estudos operários, o Museu Nacional da UFRJ firmou-se como uma alternativa para minha trajetória acadêmica.<sup>1</sup>

Sobre as contribuições de Giralda para o campo dos estudos migratórios, quero apontar alguns textos e destacar o potencial heurístico de algumas de suas interpretações, que puderam orientar a compreensão de outras situações com semelhanças histórico-sociológicas. Início comen-

---

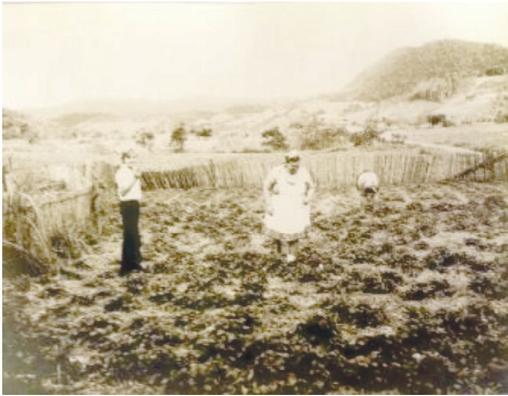
<sup>1</sup> Em 1987 foi lançada a coletânea *Cultura e identidade operária* (LOPES, 1987), obra que reunia vários docentes do Museu Nacional e que se tornou um livro constante em meus estudos.

tando o artigo “A representação do ‘trabalho alemão’ na ideologia étnica teuto-brasileira”, publicado originalmente no Boletim do Museu Nacional, em 1982, e posteriormente reeditado em publicação da Bahia. Giralda já era docente do Museu Nacional nestes anos (desde meados da década de 1970), e este artigo é um desdobramento de sua tese de doutoramento “Nacionalismo e Identidade Étnica”, defendida em 1976 na USP e publicada em 1981. Neste artigo, Giralda argumenta que a ideologia étnica dos descendentes de imigrantes alemães poderia perdurar mesmo após a perda de um dos elementos até então considerado muito importante, pelo senso comum e pela produção acadêmica, como traço étnico distintivo, a linguagem. Em várias situações, o grupo social imigrante perde a língua de origem ao longo das gerações seja porque as novas gerações são alfabetizadas na nova língua e esta é muito diferente da do país de origem, seja porque as ambições de acesso ao mercado de trabalho local fomentam o domínio da língua nacional, seja por eventos cerceadores como os que ocorreram no Brasil nos anos 1940. Entretanto, estes indivíduos sentem-se diferentes e, o que é mais decisivo, querem permanecer como distintos e distinguíveis. E esse é o elemento central do fenômeno étnico entre vários grupos imigrantes.

Retornando ao texto de Giralda, que analisa o encontro entre “caboclos” e “colonos” no Vale do Itajaí em Santa Catarina, amparada em autores como Barth, Glazer e Moynihan, Epstein, Cohen, vemos que ela interpreta os estereótipos revelados por sua pesquisa antropológica como decorrentes do contato interétnico. Os termos que os teuto-brasileiros usam para designar indivíduos da população litorânea de Santa Catarina que vivem da pesca e de uma pequena agricultura, “lusobrasileiros”, “brasileiro”, “caboclo”, “tijucano”, são categorias étnicas, isto é, estão permeados de representações que avaliam a “capacidade de trabalho”, a “eficiência”, a aparência da casa, resultando em comparações que asseguram a superioridade racial e cultural dos descendentes de imigrantes europeus, mais especificamente os alemães. Retorno a este tema adiante.

Análises como esta tiveram muita influência em meus trabalhos e de outros pesquisadores, tendo aberto uma pauta de novos enfoques para

estudos que focam regiões formadas por imigrantes e seus descendentes. Justamente porque um número crescente de estudos sobre imigração passou



a operar com contextos urbanos ou semiurbanizados é que a compreensão da interação entre grupos sociais requer instrumentos analíticos, entre os quais as teorias da etnicidade são muito importantes. Menos que ancestrais e permanentes características étnico-raciais, menos que traços tidos como típicos, o que se deve observar

são as representações mobilizadas ante o encontro com outros grupos sociais; menos a construção de uma habitação tida como típica e mais o modo idealizado de relacionamento com a moradia (a *Wohnkultur*). Estas considerações podem parecer lugar-comum para os engajados em estudos sobre etnicidade. Entretanto, estamos falando da circulação de ideias intelectuais há 30 ou 40 anos atrás, e de sua penetração em âmbitos interdisciplinares.

## IMIGRAÇÃO E O ENFOQUE DA ETNICIDADE

Por ter estudado um núcleo de povoamento por imigrantes em Santa Catarina, e por tê-lo interpretado a partir de suas leituras de autores de outros países, ainda pouco acessíveis em era pré-internet,<sup>2</sup> e também de autores brasileiros como Roberto Cardoso de Oliveira<sup>3</sup>, Giralda Seyferth tornou-se

---

<sup>2</sup> E há também a dificuldade de acesso ao conteúdo de textos em língua estrangeira. O artigo de Fredrick Barth, sobre grupos étnicos, só foi traduzido para o português em 1998.

<sup>3</sup> O livro *Identidade, etnia e estrutura social*, de Roberto Cardoso de Oliveira, publicado em 1976, constitui um referencial imprescindível para quem estuda etnicidade. Os casos focados pelo autor, contudo, privilegiam os grupos indígenas.

um referencial para todos os que estudam imigrantes no sul do país, e, entre estes, uma parcela expressiva de historiadores, que precisavam lidar com uma herança de visões reificadas e apologéticas do processo imigratório do século XIX e das conquistas dos colonos europeus na América.

Destaco outro livro de Giralda, de bastante repercussão: *Imigração e cultura no Brasil* (1990). É um texto de um pouco mais de cem páginas, que busca reunir as contribuições de estudos sobre diferentes grupos imigrantes, o que foi inovador, pois o campo dos estudos mi-



gratórios tende a se concentrar em torno a determinados personagens, como portugueses, alemães, italianos, etc. Ao trazer à cena a existência de “ethos do trabalho” em vários grupos imigrantes, Seyferth aponta esta representação como uma postura etnocêntrica que não é exclusiva dos alemães, em que pese estes terem investido fortemente nesta imagem. O estudo comparativo dos grupos imigrantes é uma chave heurística para se evitar o exclusivismo monográfico, além de permitir distinguir os aspectos que são peculiares daqueles que são mais genéricos, ou, então, distinguir os imigrantes que se instalaram prioritariamente em áreas urbanas daqueles que deram origem a longevas sociedades em áreas coloniais.

Mas, se os diferentes grupos de imigrantes e seus descendentes podem apresentar valores semelhantes, como fica a demarcação entre eles? A resposta nós encontramos em Barth (1998), sempre referenciado por Giralda<sup>4</sup>. Para Barth, a manutenção da fronteira étnica ou, dito de outro modo, a persistência dos grupos étnicos quando em situação de contato social, depende de dois aspectos: 1) da existência de “marcadas diferenças no comportamento,

---

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Seyferth, 1982, p. 2.

isto é, diferenças culturais persistentes” (critérios de identificação); 2) “uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais” ou “um conjunto sistemático de regras dirigindo os contatos interétnicos” (BARTH, 1998, p. 196). As pesquisas de Giralda em uma localidade no sul do Brasil demonstraram o aspecto dinâmico das demarcações étnicas, pois, “apesar da heterogeneidade étnica da população (após 1875) e do contato com elementos de outras etnias, os descendentes de imigrantes alemães também mantiveram as características distintivas do seu grupo étnico usando uma categoria que eles mesmos criaram para se identificar: *Deutschbrasilianer* [teuto-brasileiros]” (SEYFERTH, 1981, p. 155). Em seu seguimento, o livro *Nacionalismo e identidade étnica* analisa a relação dos teuto-brasileiros



com outros grupos locais, como imigrantes irlandeses, italianos, poloneses. “brasileiros”, indígenas, negros, e os processos de identificação presentes são interpretados pelas concepções de F. Barth de “autoatribuição e atribuição por outros”.

Esta vinculação à ideia da persistência da distin-

ção étnica, posta por Barth, significou uma tomada de posição contrária às interpretações de Emílio Willems, alemão emigrado ao Brasil que se tornou professor de Sociologia na USP em 1937 e vinculava-se à teoria da aculturação. Se para este pesquisador, escrevendo na década de 1940, não existe uma “casa alemã” que possa identificar os imigrantes, para Giralda a afirmação

encobre o fato da apropriação (simbólica, inclusive) de um traço cultural relevante na construção da diferença étnica com repercussão na identidade teuto-brasileira. O caráter distintivo da moradia, ou do lar, está presente na literatura sobre o Vale do Itajaí, sobretudo nos trabalhos orientados pela noção de

*Deustchtum*<sup>5</sup>, mas também nos discursos de senso comum (SEYFERTH, 2011, p. 55).

Leituras como estas do fenômeno étnico permitiram que a imigração pudesse ser analisada nem através de uma visão essencializante, nem pela crença nacionalista na assimilação, mas por estudos diversificados que interpretassem as condições de possibilidade de manutenção de identidades étnicas ou os contextos de relações interétnicas, enfim pesquisas que problematizavam as circunstâncias encontradas com amparo em uma literatura pertinente. Giralda foi uma grande divulgadora de alguns teóricos e foi ela mesma uma intérprete de vários contextos, tendo servido de inspiração para muitos outros pesquisadores.

Este aporte metodológico da antropologia para os estudos migratórios, para o qual Giralda muito contribuiu, nos permite relativizar algumas proposições que são apresentadas como inovadoras por autores vinculados à “história transnacional”, cujos marcos afirmativos estariam situados na segunda metade da década de 1990:

Mas a velha historiografia da imigração, da Argentina, do Brasil, dos Estados Unidos, foi escrita especificamente para incorporar o imigrante na narrativa nacional. Diferente disso, a ótica transnacional entende a imigração no sentido de um circuito em que existem muitas redes de contato, compromisso, intercâmbio e várias formas de movimento e identidade. Imigração, desse ponto de vista, não é uma história composta simplesmente de um ponto de origem, a transferência geográfica, e a chegada à terra nova (WEINSTEIN, 2013, p. 20).

Certamente há que destacar a ênfase da história transnacional em “mostrar que as divisões entre ‘nacional’ e ‘estrangeiro’ não são sempre tão claras e bem definidas como imaginamos”, ou em privilegiar a circulação em



<sup>5</sup> Ideologia étnica teuto-brasileira elaborada de modo escrito (ver adiante).

vez da difusão (WEINSTEIN, 2013, p. 22, 25). Entretanto, o que tem sido realizado há várias décadas em termos de estudos migratórios não pode ser resumido a descrições de “transferência geográfica” mesmo no campo da História. Desde os anos setenta, Giralda Seyferth, que havia se graduado em História, pesquisava a imigração de pontos de vista bastante complexos, e, especificamente, sua contribuição é notável para a abordagem de uma identidade imigrante que não vem pré-moldada da Europa, mas é produto, entre vários fatores, das relações cotidianas que se estabelecem na nova sociedade e do fomento literário de uma identidade dual teuto-brasileira, que expressa sentimentos tanto com relação à terra brasileira quanto à origem alemã (SEYFERTH, 1981, p. 108). Os escritores analisados por Giralda poderiam, apenas parcialmente, ter o objetivo de “incorporar o imigrante na narrativa nacional”, como refere Weinstein, mas o denso estudo da comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí certamente não corresponde a esta classificação. E, mencionando especificamente a produção historiográfica, o mesmo não se pode dizer da obra da historiadora Zuleika Alvim (1986, p. 124), que nos anos oitenta trazia à luz um tipo de mobilidade internacional dos imigrantes italianos do período 1870-1920, como reação às más condições de trabalho encontradas no Estado de São Paulo.



Acceptando os desafios dos novos debates acadêmicos, e revisitando suas pesquisas através dos enquadramentos recentes, Giralda realiza sua interpretação da dinâmica transnacional: “O trânsito pode ser tomado num sentido mais literal do deslocamento no espaço, ou numa forma metafórica abrangendo a circulação de ideias” (SEYFERTH, 2011, p. 59). E ela foca nesta segunda acepção do termo “transnacional”, tanto por seu enfoque

em ideias que circulavam entre Europa e Brasil, quanto porque considera que, diferentemente do que ocorre nos anos atuais, entre os imigrantes do passado apenas os mais abonados tinham condições de manter laços com parentes e amigos da Alemanha. Comerciantes e industriais que possuíssem fortes ligações com a Alemanha, econômicas ou não, agiam como mediadores étnicos, “contribuindo para a consolidação de uma identidade teuto-brasileira” (SEYFERTH, 2011, p. 60).

Pode-se dizer que o redirecionamento das interpretações pelo viés da etnicidade veio a renovar o campo de estudos da imigração (WEBER, 2006) e a influência de Giralda neste processo por ser avaliada por detalhes tais como a menção a seus textos. Na coletânea *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*, publicada em 1994, quase metade dos autores, que são predominantemente historiadores, citam trabalhos publicados por Giralda. É preciso mencionar novamente as redes de influência, mesmo que seu modo de operar nem sempre seja apreensível e, para tanto, recorro a dois artigos que considero muito fecundos na interpretação dos desdobramentos do processo migratório, “Os significados da noção de ‘italianos’”, de Odacir Coradini, publicado em 1996, e “Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do atlântico”, de Ellen Woortmann, publicado em 2000. Seyferth esteve presente na banca de doutoramento destes pesquisadores, realizadas, respectivamente, no Museu Nacional/UF RJ, em 1989, e na Universidade de Brasília, em 1988, e, mesmo que os objetos centrais destas teses não sejam imigrantes, os canais para circulação de ideias entre autores já estavam operando.

Uma visão mais ampla da imigração para o Brasil foi oportunizada para Giralda não apenas por suas pesquisas e leituras, mas também através das orientações que conduziu e bancas das quais participou. Em termos de dissertações e teses, ao longo de sua carreira, Giralda avaliou trabalhos sobre imigrantes colombianos, japoneses, portugueses, alemães, austríacos, haitianos, palestinos, caboverdianos, italianos, judeus, pomeranos, o que sinaliza o reconhecimento à sua representatividade neste campo. Há também participações de Giralda, como orientadora ou avaliadora, em bancas sobre

negros, índios, campesinato, etnicidade e racismo, assuntos sobre os quais ela se pronunciava com competência.



A dificuldade em se compreender o fenômeno étnico, seja do ponto de vista do senso comum, seja da parte de alunos iniciantes, torna o legado de Giralda sempre atual. Cheguei ao Museu, com minha pesquisa de um contexto interétnico onde predominavam os “alemães”, junto com outra

conterrânea, Daisy Barcellos, que estudava associações de negros em Porto Alegre (BARCELLOS, 1996), também sob orientação de Giralda. Destes diálogos acadêmicos me veio a confiança de que havia uma teoria da etnicidade que podia explicar fenômenos bastante diferenciados entre si. Entretanto, como permaneci atuando na História, percebi que havia uma clivagem neste campo, pois historiadores da imigração entendem que a imigração como “opção” diferencia os imigrantes dos trabalhadores africanos, mesmo após o fim do trabalho coercitivo; por sua vez, intelectuais negros optam pelo conceito de “racialização”, que seria mais contundente que etnicidade, mais adequado, portanto, para dar conta da discriminação racial.



Por Seyferth estar atenta a situações de encontros étnicos, seus estudos de imigração não desconheciam os elementos de discriminação e racismo que afetaram o processo imigratório. Inicialmente, a visão racial que influenciou as correntes imigratórias de europeus era a das elites e intelectuais bra-

sileiros, que manifestaram sua preferência pela “raça europeia” em textos e discursos. A concepção racializada de “branqueamento” se apresenta sem pudor ainda nos 1940, justamente em um membro do Conselho de Imigração e Colonização do Estado Novo (SEYFERTH, 2014). Mais abaixo veremos um exemplo de defesa de segregação racial no pensamento teuto-brasileiro, graças à investigação de fontes escritas em alemão por parte de Giralda.

Os imigrantes não ficaram imunes às representações existentes e desenvolveram suas próprias visões de mundo, buscando marcar sua superioridade com relação aos “brasileiros”. Foi com Giralda, mais precisamente através de seu artigo de 1982, acima citado, que percebi que expressões comuns na minha infância eram categorizações étnicas. Refiro-me à classificação que distingue os “brasileiros” dos “de origem”, encontrada tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. A releitura desta forma de expressão coloquial e local me levou a redigir um artigo (WEBER, 2002), mostrando que tal classificação étnica tem a peculiaridade de não se alinhar à segmentação predominante no Brasil, que distingue brancos e negros, pois a categoria “brasileiros” engloba a ambos. Como afirma Giralda, o encontro étnico que se processa em espaços de vizinhança e em lugares de trabalho, pode suscitar representações de caráter agonístico:

O que marca as opiniões dos luso-brasileiros é a utilização de termos pejorativos para designar os teuto-brasileiros, que levam a protestos indignados: alemão batata, alemão de merda, galego. Por outro lado, é comum o teuto-brasileiro se referir aos nacionais apenas como “caboclinhos”, “brasileirinhos” ou “ladrões de galinha”, com o mesmo sentido pejorativo (SEYFERTH, 1981, p. 162).

Como afirmado acima, Giralda contribuiu decisivamente para difundir o enfoque da etnicidade entre os estudos de imigração, o que permitiu uma ampliação da pauta de problemáticas para estudo, além de resguardar as análises de quaisquer elementos substancia-



listas. Para o campo da História, cuja versão ampliada se estende para além do mundo acadêmico, e está sempre sujeito às tentações de personificação e objetivação, aportes como o seu têm sido bem importantes. Em âmbito acadêmico é perceptível uma mudança de termos mesmo em universidades onde as investigações sobre imigração sempre se fizeram presentes. O termo “imigração” cedeu espaço para seu correlato “migração”, usado no plural, como na denominação de Linhas de Pesquisa dos Programas de Pós-Graduação em História da UNISINOS (Linha Migrações, territórios e grupos étnicos) e da Universidade Federal de Santa Maria (Linha Cultura, Migrações e Trabalho). Uma das quatro Linhas de Pesquisa do PPG em História da PUCRS se denomina “Sociedade, Urbanização e Imigração” e elenca uma série de problemas de pesquisa que abarcam o imigrante ainda que sem exclusividade.

Obviamente não se está sugerindo que Giralda teve influência direta nestas novas formulações; o que se pretende é assinalar que ocorreram mudanças nos estudos históricos sobre a imigração em uma direção na qual nossa antropóloga já estava posicionada. De qualquer modo, não é irrelevante mencionar a presença de Giralda em eventos de historiadores no Rio Grande do Sul, participando, por exemplo, em mesas redondas do XX Simpósio de História da Imigração e Colonização e do XXI Simpósio de História da Imigração e Colonização, realizados, respectivamente, em 2012 e 2014, na UNISINOS (São Leopoldo). Um dos últimos eventos registrados em seu Currículo Lattes foi o IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros, realizados em 2015 na Universidade de Caxias do Sul, para o qual ela foi convidada a participar em uma mesa-redonda.

## HISTORIADORA

Giralda, ela própria, também pesquisava como historiadora, o que em parte justifica seu diálogo com historiadores durante sua carreira. Por exemplo, ela buscou as “linhas básicas do nacionalismo alemão” no século XIX, lembrando que, para a ideologia nacionalista alemã, o que liga o povo à nação

não é o território nem o Estado, mas “uma comunidade de interesses e uma cultura, raça e língua comuns” (SEYFERTH, 1981, p. 45). Uma de suas densas pesquisas históricas foi percorrer jornais produzidos em língua alemã no Brasil, estando em condições de concluir que: “Os jornais em língua alemã que circularam no sul do Brasil até 1941 se consideravam, sem exceção, como defensores do *Brasilianisches Deutschtum*” (1981, p. 49). E são seus conhecimentos da língua alemã que permitem uma tradução da expressão *Deutschtum* como “identidade étnica teuto-brasileira”.



Este pensamento teuto-brasileiro passará a conviver, nas primeiras décadas republicanas, com visões e propostas de intelectuais nacionalistas para a cultura e para o povo do Brasil. O conteúdo revisitado dos jornais alemães permite aportes à história do pensamento social no país, pois ali encontramos a reação germanófila à teoria do branqueamento, não por discordar de suas bases racistas, mas pela recusa dos intelectuais imigrantes, influenciados pelo pangermanismo, ao processo de miscigenação, repellido com representações profundamente estigmatizantes, misturadas a digressões históricas (SEYFERTH, 1981, p. 54-60). Um articulista de *Der Urwaldsbote* (jornal de Blumenau) associa a teoria da miscigenação ao “palavrório da revolução francesa, que nos presenteou com a Declaração dos Direitos Humanos”, e rechaça a ideia da “confraternização da humanidade”, explicitando sua posição sem qualquer matiz: “A mistura na América do Norte não se faz com índios, negros ou mestiços. Os índios estão sob tutela, os negros e mestiços são socialmente segregados. E com justa razão” (*Der Urwaldsbote*, 1906, apud SEYFERTH, 1981, p. 60).

As contribuições de Seyferth para a interpretação das décadas 1930 e 1940 no Brasil são bastante divulgadas; ela é uma das autoras que compõem a coletânea *Repensando o Estado Novo*, de 1999. Como pontua, a primei-

ra intervenção formal do Estado em instituições étnicas (de imigrantes) ocorreu durante a I Guerra Mundial, mas restringiu-se ao âmbito dos cur-



rículos escolares; já a partir de 1937, “foram tomadas medidas coercitivas visando a atingir as organizações comunitárias étnicas produzidas pela imigração, em nome da tradição de assimilação e mestiçagem demarcadoras da nacionalidade” (SEYFERTH, 1999, p. 199). Se a retórica da década

de trinta diluiu o discurso racial, “as práticas voltadas para a imigração e os imigrantes mostram a persistência do mito [do “branqueamento”] e a preocupação com a homogeneidade nacional”, que tinha por consequência a ênfase na assimilação e a seleção de imigrantes desejados que, neste contexto, eram os europeus brancos latinos (SEYFERTH, 1999, p. 212). Já a população teuto-brasileira do sul do Brasil foi tratada, com a radicalização da Campanha de Nacionalização em 1939, como ameaça à soberania nacional, sofrendo intervenção militar e repressão a meios de divulgação, com censura de programas de rádio e restrições à imprensa em língua estrangeira. Através de suas fontes de pesquisa, Giralda nos informa que a substituição linguística, que atingiu, além de escolas, os nomes das ruas, os letreiros das lojas e fábricas e a denominação dos clubes e associações, foi também cogitada para lápides com escritos góticos nos cemitérios (SEYFERTH, 1999, p. 221).

Na década de 1990, Seyferth certamente não é a única a dar um tratamento histórico a temas da imigração alemã com fontes traduzidas. O livro *O fascismo no sul do Brasil – germanismo, nazismo, fascismo*, de René Gertz, já havia sido publicado em 1987. Entretanto, destaque-se que o livro de Giralda de 1981 já avançara nas discussões destes momentos nevrálgicos da história nacional, e também que ela fez uso, nos parâmetros da antropologia, de entrevistas, trazendo ao leitor a riqueza que reconhecemos nos trabalhos de história oral.

Sensível às questões mais contemporâneas, Giralda, em artigo de 2014, percorre a visão brasileira acerca do “apátrida” e do “refugiado”, repassando momentos da história brasileira em que algumas populações refugiadas foram consideradas imigrantes indesejáveis. Em sua opinião, o Estatuto do Estrangeiro de 1981, já no processo de abertura política, apresenta uma burocracia que não favorece o acolhimento do apátrida, e, por sua vez, a Lei 9.474, de 1997, considerada mais ampla, não alterou o quadro de baixa recepção de refugiados no Brasil. Diante da visão negativa do senso comum contemporâneo ante os haitianos, Giralda expõe seus conhecimentos históricos sobre o assunto: “As imagens evocadas por esse tipo de referência são características de um discurso xenófobo, de certo modo presente desde o século XIX, quando o assunto é o imigrante indesejável” (SEYFERTH, 2014, p. 11). E continua: “Não há menção à raça no contexto atual, talvez porque o Brasil tem uma lei que pune atos de racismo; mas miséria, atraso, e a entrada ilegal através da intermediação de terceiros, são elementos de desqualificação”.



## FINALIZANDO

Giralda continuará presente através de suas obras, em cuja extensão sempre poderemos descobrir novos títulos para ler. Em determinadas discussões, a citação de obras de Giralda tornou-se imprescindível. Localizei um texto que discutia o tema da *assimilação*, do conhecido sociólogo, estudioso da imigração, Oswaldo Truzzi (2012), e observei vários títulos de trabalhos de Giralda ali citados. Isso parece “natural”, dado à familiaridade intelectual da ex-orientanda com as obras da ex-orientadora, mas é preciso distanciar-se desta relação familiar para avaliar o significado desta constância e recorrência do pensamento de Seyferth no âmbito de determinados temas de estudo.

Esta homenagem é uma manifestação de reconhecimento e afeto e um desejo de prolongar a presença da orientadora pela articulação dos orientandos, isto é, mantém-se a memória ativa através da rememoração coletiva (HALBWACHS, 1990). Mas é também um exercício de distanciamento. Sempre me pareceu óbvio que pesquisas sobre imigração citassem os trabalhos de Giralda, e, às vezes, eu podia dizer com vaidade “foi minha orientadora”. Mas percebo agora que toda esta produção precisou não só ser construída, mas continuamente reafirmada e aprimorada, que os diálogos com diferentes e novos interlocutores demandaram revisões e adaptações nas interpretações, respondendo à exigente dinâmica da reflexão intelectual. E, pelos modos como articula sua narrativa, percebe-se que Giralda realizava estas operações de escrita com desenvoltura.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Zuleika M. F. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BARCELLOS, Daisy Macedo de. *Família e ascensão social de negros em Porto Alegre*. Rio de Janeiro, 1996. Tese de doutorado. Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras [1969]. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998 [1995]. p. 187-227.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). Currículo Lattes. *Giralda Seyferth*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4083973035511869>>. Acesso em: 29 maio 2018.

CORADINI, Odaci Luiz. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, Mário (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. p. 33-39.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil- germanismo, nazismo, fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LOPES, José Sérgio Leite (Org.). *Cultura e identidade operária*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Marco Zero, 1987.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. UNISINOS. *Linhas de Pesquisa*. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/historia/presencial/sao-leopoldo>>. Acesso em: 31 maio 2018.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). *Corpo Docente*. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgh/index.php/2015-08-25-15-17-38/corpo-docente>>. Acesso em: 31 maio 2018.

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. PUCRS. *Linhas de Pesquisa*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/humanidades/programa-de-pos-graduacao-em-historia/linhas-e-estruturas-de-pesquisa/>>. Acesso em: 31 maio 2018.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

\_\_\_\_\_. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, n. 37, 20 out. 1982.

\_\_\_\_\_. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1990.

\_\_\_\_\_. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. p. 199-228.

\_\_\_\_\_. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 26, n° 77, out. 2011. p. 47-62.

\_\_\_\_\_. O problema da imigração no Brasil: continuidades e mudanças. Associação Portuguesa de Sociologia. *Actas do VIII Congresso Português de Sociologia*. Évora. 2014. Disponível em: <[http://historico.aps.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0038.pdf](http://historico.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0038.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2018.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. *Dados [online]*. 2012, v. 55, n. 2, p. 517-553.